

COSTA GOODOLPHIM

TRES ALDEIAS

Sarnadas - Aldeia Nova do Cabo
— Aldeia de Joannes



LISBOA — 1904

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

Imprensa da Casa Real

Premiada com medalha de prata na Exposição de Paris em 1900

Rua do Diário de Notícias, 110

COSTA GOODOLPHIM

TRES ALDEIAS

Sarnadas — Aldeia Nova do Cabo
— Aldeia de Joannes



LISBOA — 1903
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Imprensa da Casa Real
Premiada com medalha de prata na Exposição de Paris em 1900
Rua do Diario de Noticias, 110

Sarnadas

Leandro Cornejo

27 2010

I

A vida das aldeias tem um encanto particular e doce, que nem sempre se póde descrever com toda a verdade.

A par de dias tristes e amargurados pelo trabalho, desse lidar constante e afanoso, em que se moureja desde o alvorecer até que a noite des-tende o seu manto, ha momentos tambem dos mais expressivos affectos.

Não fallo aqui nas aldeias afidalgadas, onde o progresso levou os seus arrebiques, fazendo despertar ambições que nem eram sonhadas; fallo d'aquelles logares singelos e modestos, nesse agrupamento de pequenas casas, habitações só dos que trabalham, perdidos nessa immensa vastidão dos campos.

Aqui sim, é que se encontra a vida serena e limpida, longe de todas essas vaidades, desses caprichos estonteadores, dessas ambições fataes, que matam na alma os mais puros e nobres sentimentos.

A aldeia é uma grande família, unida pelos laços da fraternidade e do amor.

Quem nos primeiros annos da vida se recreou á sombra das suas arvores, nunca mais, se tem coração, deixará de recordar-se de todos os seus encantos.

As fontes, os campos esmaltados de flores na primavera, as arvores onde as avesitas fabricam os seus amovaveis ninhos, os contos á lareira, que as creanças escutam jubilosas, tudo fica gravado na alma em caracteres indeleveis.

E a igreja da aldeia! Essa será sempre um grande templo embora seja modesto, sem ornatos, sem alfaias; é uma cathedral das mais sumptuosas e dos mais finos lavoies.

Os santos que ornarn os seus altares não se podem comparar com outros.

Desde os primeiros annos que os contemplamos; são os nossos amigos da infancia.

Temos a convicção que nos conhecem, que são nossos.

Anossa aldeia, dissemos com santo orgulho, não querendo trocar este modesto berço pela cidade mais rica.

Nas aldeias as festas teem um outro aspecto, muito diverso das grandes cidades, em que outros espectaculos mais phantasiosos elevam a attenção.

O arraial é acontecimento notavel que a todos prende largos dias e até meses.

Dia de festa, dia grande, em que se estreiam os melhores fatos, em que a alegria se expande em todos os rostos.

Os pobres teem a sua parte. Quem ha que das suas mesas não terá um quinhão para aquelles que pelo trabalho já não podem encontrar meio para a sua sustentação.

Todos se auxiliam.

Nesses dias de pleno sol ninguem quer sombras, e não ha sombra mais desolada e triste do que a miseria.

Os folguedos populares, com as suas danças singelas, e algumas perfeitamente typicas, completam estes quadros, encantadores e dignos de estudo.

Um baptisado é um facto memoravel, ainda que seja do filho do mais modesto aldeão.

Toma parte na festa toda a aldeia; suspende-se o trabalho, e todos procuram deixar uma lembrança na casa do neophito.

As modestas casas da aldeia não teem as riquezas dos palacios. Não ha baixellas custosas, nem moveis caprichosos. Mas no conjunto d'aquella singelesa ha uma cousa maior, que é a consciencia serena, que resulta do trabalho e do cumprimento dos deveres.

O que não falta é o altar, embora modesto, com o seu Christo e os santos da maior devoção.

Nas singelas mesas não ha manjares de principes, mas refeições saudaveis.

E como para dar ao banquete um tom mais solemne, em muitas aldeias apparece o chá como um mimo para as pessoas mais gradas.

Feliz a vida dos campos.

Mas não ha quadro que não tenha sombras.

Quantas amarguras não sentem os pobres quando um anno fatal lhes não dá recursos para a sua vida!

E mais triste ainda quando os ricos, não se lembrando da fome, prestam o seu dinheiro com a usura, que conduz á ruina e á miseria os pobres trabalhadores!

É desconsolador que nem todos comprehendam a sua missão na terra, e não meditem quão breve é a existencia.

A vida nada vale, é uma sombra passageira.

A bondade e limpidez da alma é o unico thesouro digno de apreço.

Formar de toda a humanidade uma familia ligada pela fraternidade e o amor eis o que está escripto nos corações que apenas aspiram ao bem. E todas essas doutrinas estão divinamente escriptas nesse codigo de eterna justiça, que se chama a Biblia.

Amae-vos uns aos outros como a vós mesmos, disse o Divino Mestre, palavras de regeneração e conforto, que todos devem ter presentes para norma de uma existencia limpida.

Ainda assim, apesar de todos os desconfortos, bem haja a vida da aldeia modesta, sem loucas e

perdidas ambições, que a alma arrastam a todos os crimes. Bem haja!

Serena paz, amor fraternal e amigo inspirado nesse grande livro que se chama a Natureza, com todos os seus encantos e sob um céu de purissimo azul em dias de plena primavera ou n'essas noites banhadas de formosissimo luar.

Aldeia singela, sonho dos meus sonhos, enlevo dos meus enlevos, a tí o meu coração, os meus sentimentos, os affectos queridos da minha alma.

II

Desçamos agora por uns instantes á vida real, e estudemos a vida dos campos, não nos seus dias festivos, mas n'aquelles dias tristes e amargurados.

A doença, a falta de trabalho, um anno cruel em que todas as sementeiras se perdem, eis os tres inimigos fataes, que roubam todas as alegrias e abrem um vasto campo ao infortunio.

Expostos aos rigores das estações, aos mil accidentes do trabalho, quantas vezes a doença não vem ferir aquellas organizações robustas? E quaes são os meios que encontram para debellar o mal que os acerca?

As camaras municipaes é certo que teem os seus medicos com obrigação de visitarem as aldeias, para cuidarem d'aquelles que não podem pagar, e estabelecendo mesmo tabellas consoante os haveres dos seus municipes.

Mas póde esse medico visitar com assiduidade as povoações que lhe pertencem, distanciadas por

kilometros da sua rêde? Não pôde, apesar de todo o seu zelo e caridade.

E os enfermos, por esta fórma, ficarão muitas vezes n'uma penosa ausencia de soccorros.

Julgar-se porventura que ha menos doenças nos campos do que nas cidades, é uma pura illusão, o que ha são martyres resignados, que se não queixam, que supportam muitas dôres por entre as agruras do trabalho.

Os campos estão abandonados a si próprios.

Não lembram aos altos poderes do estado senão para os impostos e para as eleições.

Nas occasiões das lutas dos partidos então surgem os apóstolos, os grandes regeneradores, dispensando abraços e sorrisos, esperanças de grandes melhoramentos, um mundo amplo de benefícios.

Mas os dias e os annos correm.

A egreja fica em ruinas, a casa da escola é um pardieiro repellente, os impostos ainda mais se aggravam, e o usurario lá continúa na sua mesma faina exploradora.

E a ignorancia e a miseria não encontram remédio na sua marcha de destruição, obstando a que a riqueza publica se desenvolva de uma fórma progressiva e racional.

Bem conhecemos que para dotar todas as aldeias das mais urgentes necessidades seriam indispensaveis recursos, que se não podem obter facilmente. Assim, por exemplo, a escola prima-

ria da aldeia, distanciada da séde de seus conce-
lhos, deveria estar provida de todos os elementos
primários de pharmacia, e o seu professor habi-
litado a socorrer o enfermo nos primeiros mo-
mentos de um accidente qualquer, até que o me-
dico o podesse visitar, livrando-se d'esta fórma os
desgraçados das mãos dos curandeiros inconscien-
tes, que praticam toda a casta de desatinos.

O ensino da agricultura deve ter mais ampli-
tude, e, ainda as lições da economia, da previden-
cia, e os conselhos moraes, encaminhando a fa-
milia, em todos os seus deveres.

E a escola, por centenas de vezes se tem dito,
deve ser alegre, cheia de luz, e de ar, um pequeno
palacio encantado, aonde as crianças se encon-
trem felizes e sem sombras.

Aos pobres ministrar-lhes roupas e livros, e ainda
uma refeição saudavel para ir robustecendo aquel-
las nascentes organizações.

Não sendo assim a escola mal ensina a ler e
com penoso sacrificio de professores e de alu-
mnos.

Mas isto será um sonho, isto será pedir muito
para os desgraçados e famintos, em nome da ci-
vilisação e da fraternidade humana.

Quando se está n'um periodo de pleno egoismo
estas theorias mal se comprehendem e apreciam.

Os seus autores são uns idealistas, vivem n'um
mundo de sonhos.

Então temos que procurar outros meios, derra-

mar a instrucção por todas as classes sociaes, chamando á vida activa todos os que trabalham. Desde o momento em que o homem vive n'um regimen de liberdade, e se lhe outorgam direitos, cumpre-lhe o dever, pela sua iniciatura, de procurar pelo trabalho alcançar todos os alimentos para satisfação de suas necessidades, tanto moraes como materiaes.

Mas quem ha de levantar esta cruzada de fraternidade e de amor? Só almas grandes e generosas, que livres de todas as ambições procurem praticar o bem pelo bem e não pela especulação torpe e desenfreada, sacrificando tudo aos seus interesses.

Benemeritos da patria, e que são tantos, volvei vossos olhos benignos para os desgraçados, que tambem teem direito a uma parcella nos confortos da vida.

III

As grandes cidades, pela sumptuosidade dos seus edificios, pela vida activa do seu commercio e da sua industria, pelo esplendor das artes e pelos talentos que mais se salientam, encontram sempre quem lhes descreva as bellezas, quem lhes vá notar os attributos que as enriquecem.

Mas a aldeia singela, perdida na vastidão dos campos, aonde se encontram as arvores, e na primavera os extensos tapetes de flores matisando os mattos e os vallados, quem as vaes descrever?

É com a vida dos simples e dos honestos.

Quem lhes escreve a historia?

Ninguem.

Entretanto ficam muitas virtudes ignoradas, dedicações que seriam salutaes exemplos, que ninguem refere, nem transmite como lição boa e saudavel.

Pois na modesta aldeia ha tambem ás vezes muito a notar.

Nomes dignos de memoria, campas que recor-

dam benemeritos, bellas que, expostas com verdade, despertam a attenção dos curiosos, dos que sentem pelas alegrias dos campos o mais sonhador carinho.

A' modesta aldeia de Sarnadas ¹, dedico, pois estes traços como testemunho de amoravel affecto.

Modestas linhas de modesta penna, tracejando um logar singelo, aonde não ha vaidades, e apenas se encontra a suave harmonia da luz serena e dos perfumes das flores.

Pertence a aldeia de Sarnadas ao districto de Castello Branco, e a sua freguezia tem por orago S. Sebastião; comprehende os seguintes povos: Cebolaes de baixo, Amarello, Carapetosa, Rodeios, Valle do Homem e Atalaya.

É Sarnadas uma terra mimosa e feracissima.

São amplissimos os seus campos, onde se encontram bellos sobreiros, fartas oliveiras e pomares de saborosos fructos.

O ar é purissimo, as suas aguas deliciosas e frescas, encontrando-se tambem fontes de aguas ferreas.

Os seus terrenos são uberrimos.

Aqui se dá o trigo, o milho, o centeio, o linho ², a batata de mais fina qualidade.

¹ Sarnadas vem de senre, terra pela primeira vez cultivada (Viterbo).

² Era costume antigo nas nossas aldeias fiar-se o linho, e ainda

Nas suas vastas tapadas pastam rebanhos de cabras, cujo leite é do mais saboroso.

A aldeia é modesta, não possui vistosos edificios: casas sómente de simples trabalhadores.

Apenas o que se encontra é um antigo solar, pertencente aos illustres Condes de Tondella ¹, que são adorados pelo povo, pelo seu amavel trato e pela ampla protecção que a todos dispensam.

O solar a que nos referimos parece que deve ser anterior a 1756, epoca que está gravada na sua capella, que tem a invocação da Senhora de Sant'Anna.

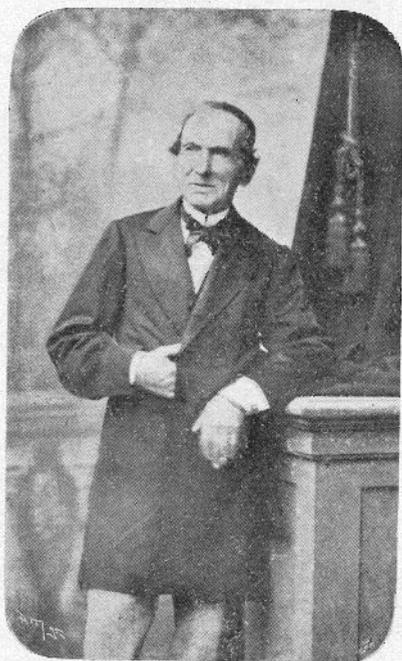
N'esta Capella existe a seguinte inscripção :

«O Santissimo Padre Pio vi concede indulgencia perpetua a todas as missas que se celebrarem na capella de Sant'Anna e se applicarem pela alma

tal uso não está extincto de todo. E' sujeito a grande laboração, e aqui apontamos rapidamente o seu mechanismo. O linho é, semeado, mondado, arrancado quando está amarello, córado em rama, atado em feixes, conservando-se estes por uns dias ao sol com a rama voltada para cima; batido, para lhe tirar a linhaça, é depois levado para o rio, onde permanece uns oito dias debaixo d'agua. Em estando enxuto é maçado para lhe quebrar a parte fibrosa. E' depois expanado ou granado: accedado para separar a estôpa do linho, fiado ao fuso, ensarilhado, feito em meadas, que são embojadas em agua com cinza.

Estas meadas estão depois dois ou tres dias n'um forno pouco quente. Ainda vão finalmente para o ribeiro para desemborrachar, empastar e córar. Depois dobadas, urdidas e tecidas. Tanto trabalho, que custam as bellas toalhas, recamadas de famosos arabescos, que se encontram nas nossas aldeias, e se guardam nas velhas arcas.

¹ A ex.^{ma} Condessa de Tondella, D. Maria Izabel Pereira Re-



O Conselheiro Dr. Manuel Luiz Pereira Rebello
da Fonseca

de Joaquim Gonçalves Ruyvo ou qualquer de sua familia, ascendentes ou affins depois de mortos com a faculdade de se gravar n'esta pedra esta memoria. Dado em Roma aos 24 de maio de 1779».

Na igreja matriz, templo amplo, mas despido de todos os ornatos, encontra-se esta lapide em sepultura rasa.

«Sepultura de Manoel Francisco Branco, familiar do Santo Officio e de sua mulher e herdeiros, anno de 1699.»

Francisco Branco foi ascendente de Gonçalo Ruyvo, e um dos fundadores da casa de Sarnadas.

Era de familia distincta, tendo muitos dos seus membros exercido o cargo de capitão-mór.

João Gonçalves Ruyvo era tio do padre João de Oliveira, e este irmão de Manoel José de Oliveira, capitão-mór de Sarnadas, avô da actual condessa de Tondella.

bello da Fonseca, é filha do fallecido conselheiro dr. Manoel Luiz Pereira Rebello da Fonseca, filho de Francisco Pereira Rebello da Fonseca, bacharel formado em direito, Desembargador da Realção do Porto, socio da Academia Real das Sciencias. Escreveu as seguintes obras premiadas pela mesma Academia: — Descrição economica do territorio, que vulgarmente se chama Alto Douro. — Memoria sobre a cultura das vinhas e manufactura do vinho. Foi deputado em varias legislaturas, governador civil de Castello Branco. Foi homem de aprimorado espirito, de muita illustração, captivando a todos que com elle tratavam.

O Conselheiro Luiz Pereira Rebello da Fonseca era descendente de illustres familias da provincia de Traz-os-Montes, como se prova, entre outras, pela seguinte carta do brazão d'armas:

Era senhor das importantes casas de Sarnadas, Aldeia Nova e Monforte.

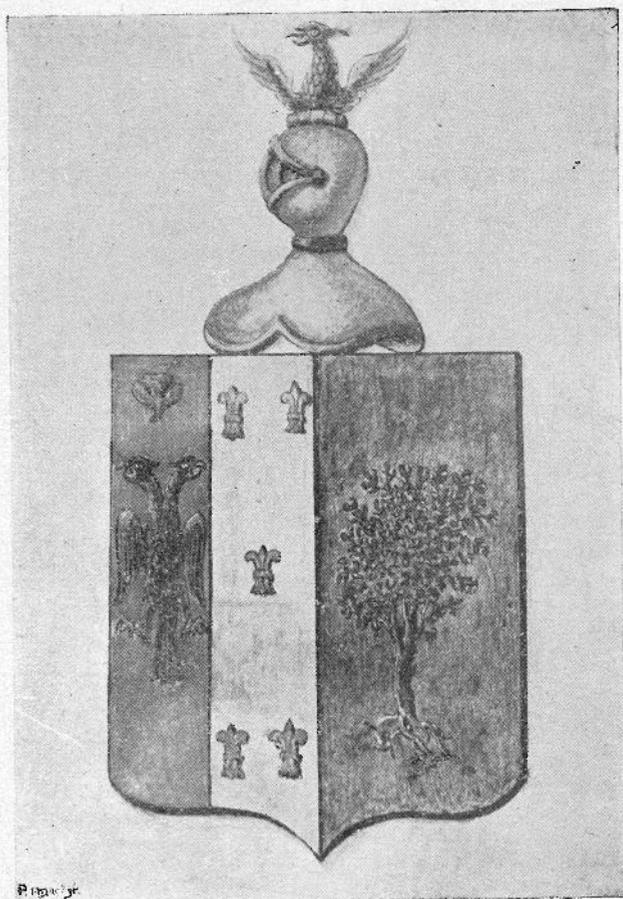
Manoel Rodrigues d'Oliveira, que falleceu a 13 de maio de 1825 era descendente de Miguel Roiz d'Oliveira, morador no logar da Aldeia Nova do Cabo, que fôra bisneto de Gaspar Proença e terceiro neto de Pedro d'Oliveira, moradores que foram no logar do Freixial e todos descendentes dos Proenças e Oliveiras, que n'este Reino são Fidalgos de Cotta d'Armas.

A Miguel Rodrigues d'Oliveira foi-lhe dado, em 1640, o seguinte brazão d'armas: O Escudo partido em Palla; ao primeiro de verde, uma Aguia de prata de duas cabeças, estendida, armada de ouro, e o segundo de azul, e cinco flores de liz, de prata, postas em aspa, que são as dos Proenças, e as ultimas dos Oliveiras, o campo vermelho, e n'elle uma oliveira em verde, com azeitonas de ouro e as raizes de prata e por deferencia um

D. Maria por Graça de Deus Rainha de Portugal e dos Algarves, etc. Faço saber aos que esta Minha Carta de Brazão de Armas de Nobresa e Fidalguia virem que o doutor Francisco Pereira Rebello da Fonseca Novaes, actual Juiz de Fôra da Villa de Santa Martha lhe fez petição dizendo, que pela sentença de justificação de sua Nobresa a ella junta, proferida e assignada pelo Meu Desembargador Corregedor do Cível da Côrte e Casa da Supplicação o Doutor José Antonio Pinto Dias Botto subscripto por Cypriano Antonio Rodrigues Neves, Escrivão do mesmo Juizo, e pelos documentos a ella tambem juntos se mostrava que elle he Filho legitimo do Doutor Antonio Pereira Rebello, natural de Villa Real, e de sua mulher D. Michaella Maria Caetana de Novaes, natural da de Canellas, Neto pela parte paterna de Domingos Pereira Bi-



Condessa de Tondella



Brazão d'Armas dos Oliveiras

trifolio de prata, e por timbre dos Proenças uma meia Aguiá, dos peitos para cima, de uma cabeça, com bico de ouro: Elmo de prata, aberto, guardado de ouro.

Paquife dos metaes e cores das armas.

— O padre João d'Oliveira, que por morte de seu irmão foi legatario do terço, em que se comprehendia a casa de Monforte, deixou no seu testamento ordenado que no dia em que se resassem os officios por sua alma se dessem de esmola aos pobres dois alqueires de centeio e 15 alqueires de azeite.

Morreu a 6 de janeiro de 1835.

D'entre estas vastas propriedades salienta-se a Ferrenha pelo mimo de seus fructos.

Mas fallemos agora mais particularmente d'esta aldeia laboriosa e honrada.

Os pobres das grandes cidades, pelo influxo da civilização, se por um lado vão adquirindo conhecimentos novos e novas phases imprimem no seu

cudo e de sua mulher D. Bernarda Rodrigues Rebello e pela materna de José Alves de Novaes e de sua mulher D. Joanna Mari-da Fonseca. Os quaes seus Paes e Avós que foram pessoas muito nobres, legitimos descendentes das esclarecidas familias dos appellidos de Bicudos, Pereiras, Rebellos e Novaes d'estes Reinos, e como taes se trataram com cavallos, creados, e todo o mais Estado proprio da Nobresa, servindo nas sobreditas villas os primeiros e mais nobres logares, etc. 1784.

Do actual Conde de Tondella, José de Aragão da Costa Lacerda da Victoria, fallaremos na Monographia da Aldeia Nova do Cabo.

viver, perdem em compensação muitos dos seus tradicionaes costumes que lhes eram peculiares.

Nos povos, porém, escondidos na vastidão dos campos, e onde o silvo das locomotivas lhes passa a kilometros de distancia, e onde demais não ha monumentos de arte a estudar, nem edificios brazonados que revelem faustosas sociedades extinctas, nesses logares os antigos costumes ainda conservam muitos traços do seu viver primitivo.

As almas desses povos poderão ser ainda rudes, porque o buril do progresso lhes não pode cortar as arestas vivas do solitario viver, que só o trato social sabe desenvolver e aprimorar. Mas em compensação nessa pureza quasi nativa ha o encanto da simplicidade, a palavra franca, o sorriso honesto, o sentir dos corações honrados.

Grandes familias ligadas pelo trabalho e pela fraternidade, em que as alegrias e as lagrimas de uns são partilhas de todos.

Poesia santa e suave, sem artificios, encantadora e pura.

Almas de creanças, que se deslisam em sonhos, que do berço á campá vão sem as grandes lutas do espirito.

Um dos antigos usos que ainda conserva este povo são as *alviçaras*, que tambem se conserva em algumas outras aldeias da Beira Baixa.

No sabbadó de Alleluia, pela meia noite, reunese quasi todo o povo da aldeia junto da egreja matriz, cantando diversas estrophes, percorrendo

depois todo o logar, e repetindo esses cantos junto das diversas capellas, dando assim as alviçaras a todos os santos pela nova aurora da Redempção.

Um outro costume tradicional do povo de Sarnadas é o *bradamento*. Consiste em quatro domingos seguidos, depois da missa, o vigário, acompanhado pelo povo, ir junto da casa de um recém-fallecido resar umas orações por alma do extincto.

A família do finado, durante esta cerimonia, conserva uma véla accessa.

Um casamento e um baptisado é um dia de festa na aldeia.

As noivas trajam n'esse dia os seus melhores fatos, como é natural. Predomina a côr preta, capa, vestido e manto á maneira do antigo biôco, que mal nos deixa vêr o rosto, e apenas se divisa o faiscar de uns olhos brilhantes, cheios de mocidade e de vida.

Quasi todas as raparigas casam muito novas. As velhas ficam para tias.

N'esta terra S. Gonçalo d'Amarante não tem devotos.

Os noivos são acompanhados por uma pessoa de cada casa da rua aonde moram.

Os padrinhos levam a sua capa de honra, ainda que as pedras estalem de calor, no mais pleno agosto.

Depois de lançada a benção aos noivos um dos convidados, munido de espingarda, dispara

alguns tiros no adro da igreja, como para annunciar á povoação que o casamento terminou.

A' noiva, que sahe do templo por entre as alas dos convidados e dos não convidados, são atirados bagos de trigo, folhas de oliveira e de rosas, significando o trigo abundancia, a oliveira a paz, e as pétalas das flores a alegria.

Depois ha o jantar aos padrinhos e aos convidados, banquete muitas vezes ao ar livre.

O povo de Sarnadas é laborioso e honrado.

E' religioso, mas sem fanatismo.

Difficil é determinar a sua origem. E' uma raça que parece ainda conservar os seus traços primitivos.

Tem no vestuario dois trajos distinctos, o que serve para os actos solemnes, todo preto, usando as mulheres mantilhas e o celebre biôco ¹, e os fatos dos seus dias festivos, de côres muito garridas, predominando o amarello e o escarlata.

As suas danças são acompanhadas da adufa.

As casas primam pelo externo aceio, sendo as paredes ornadas com as melhores louças que possuem.

A povoação é pobre, mas não miseravel, porque todos trabalham.

Tem duas escolas de instrucção primaria, regularmente frequentadas.

¹ *Andar a mulher de biôco*: mui coberto com manto affectando modestia.



Camponesas de Sarnadas

A do sexo masculino é regida por um habil e distinto professor, Antonio Martins.

Os edificios escolares é que muito deixam a de-sejar.

Eis, em traços rapidos, o que é Sarnadas, povoação singela, saudavel e encantadora onde os doentes encontram amplos confortos.

Pela sua amena temperatura no inverno e na primavera, Sarnadas podia ser uma formosa estação para convalescentes.

Aguas das mais frescas e puras, ar do mais rico oxygenio.

AS ALVIÇARAS

Ai vamos dar as alviças
á senhora do Rosario,
que os passarinhos já cantam
junto do seu santuario.

Nas oliveiras do ádro
Cantam já os passarinhos,
que pela noite calada
abandonaram seus ninhos.

Oh ! Senhora do Rosario
linda Rosa vermelhinha
ai ! descei do vosso altar
para ser nossa madrinha.

Ai ! Senhora do Rosario
como sois linda e tão bella
com esse vestido novo
que trouxeram de Castella.

Como está linda a Senhora
com esse tão lindo manto,
que lhe veio de Coimbra,
tão lindo, que ledo encanto.

Os passarinhos já cantam
nos braços da Santa Cruz,
as alviças vamos dar
hoje ao menino Jesus.

Os passarinhos já cantam
por cima da sacristia,
as alviças vamos dar
a Nossa Senhora da Guia.

Os passarinhos já cantam
em cima da verde canna,
as alviças vamos dar
á Senhora de Sant'Anna.

Alevanto-se, vigário
erga-se, não durma tanto,
que nós já vamos seguindo
todos ao Espírito Santo.

Appareceu a Alleluia !
Ventura de quem a achou ;
Achou-a o senhor vigário
e no sacrario a fechou.

Os passarinhos já cantam
por cima dos arvoredos,
ai ! vamos até S. Pedro
revelar estes segredos

Alleluia ! Alleluia !
Alleluia encantadora,
com este lindo cantar
se alegrou Nossa Senhora.

Alleluia ! Alleluia !
ó Alleluia dos ceus !
com este lindo cantar
se alegrou a mãe de Deus

Divino Espírito Santo
ó! Divino amparador,
sêde amparo da minh'alma
quando d'este mundo fôr.

Divino Espírito Santo
a pombinha quer voar,
quem fôra anjo do ceu,
quem pudesse acompanhar

Alviçaras á Senhora
todos vamos pedir,
porque seu amado Filho
já tornou a resurgir.

Alleluia, Alleluia!
Alleluia do Menino
Como este lindo cantar
recorda o verbo Divino.

TROVAS

Cantadas pelas camponezas de Sarnadas

Passci pelas oliveiras
cinco folhas lhe colhi;
foram os cinco sentidos
que pelo amor me perdi.

Cinco folhas lhe colhi,
cinco folhas apanhei,
foram os cinco sentidos
que n'um amor empreguei.

Um manual de cantigas
eu tenho para te dar,
é elle os cinco sentidos
que tenho pr'a te lograr.

Primeiro sentido é ver-te,
meu amor por te vêr ando.
Também para te falar
não sci a hora nem quando.

Mas o segundo é ouvir,
meu amor. tuas notícias,
andas dentro do meu peito
como n'um mar de delicias.

E' o terceiro morar,
em teu peito, ramalhete,
pois sabes que o meu desejo
não é outro senão vêr-te.

Quarto sentido é gostar,
mas que gosto posso eu ter ?
ausente do bem amado
mais me valera morrer.

Mas o quinto é apalpar
teus braços eternamente,
que sinto uma dôr profunda
quando de ti sou ausente.

Quando eu morrer, meu amor
(ha quem á morte resista ?)
mesmo debaixo da terra
quero estar á tua vista.

Eu fui ao jardim das tulipas
dentro d'ellas me metti.
Ha quem padeça d'amores
fui eu por causa de ti.

Oh! minha tulipa verde
promettes de não dar flôr ?
pois eu prometti guardar
lealdade ao meu amor

Puz-me a chorar de saudades
sentado n'uma pedrinha ;
eram mais as minhas penas
que as aguas d'uma fontainha.

Eu heide ser a geada
e tudo hei de queimar ;
no jardim do meu amor
prometto de não entrar.

Não vi arvores no mar
brotarem sem lhe dar vento ;
nunca vi acênos d'olhos
sem haver algum intento

Adeus mar em que navego
ai ! adeus meu lindo amor,
adeus estrella, que eu parto
a seguir teu resplendor.

Fica com Deus que me vou
para as arcias do mar,
De todos me heide esquecer,
só de ti me heide lembrar.

Fica com Deus que me vou
p'ra terra das andorinhas ;
mette cartas no correio
se queres ter novas minhas.

Hei de escrever-te bem sei
n'uma folha de papel,
cartinhas para Lisboa
remettidas ao quartel.

Na cidade de Lisboa
quem é rico passa bem ;
assim é na minha terra
e n'outra qualquer tambem.

Os olhos do meu amor
andam em lanço na praça ;
em que preço andarão elles
olhos de tão linda graça !

Os olhos do meu amor
são confeitos, não se vendem,
são balas com que me atiram,
cadeias com que me prendem.

Suspirando, dando ais
anda o amor pela rua ;
não suspires, não dês ais,
que já prometti ser tua.

Encontrei o sol de noite
na rua dos mercadores ;
quando o sol anda de noite,
que fará quem tem amores !

O passarinho me disse,
com seu bico me escreveu,
que não pozesse eu amor
a quem assim m'o perdeu

Eu venho de Santa Justa,
vou para a Madre de Deus ;
fallar bem pouco nos custa,
santas noites nos dê Deus.

Oh ! estrella de manhã
demora-te mais uma hora,
deixa dormir meu amor
que inda se encostou agora.

Oh ! estrella da manhã
para onde caminhaes,
caminha para Lisboa
antes que amanheça mais.

Já o céu não tem estrelas
foram n'uma diligencia ;
o meu amor me deixou
é o mesmo . . . paciencia.

Já o céu não tem estrelas
e foram na mala-posta,
o meu amor me deixou,
deixal-o, não dou resposta.

Eu tenho oiro e tenho prata,
e tambem tenho algum cobre ;
de tudo tenho abundancia
só d'amores vivo tão pobre.

Meu amor na tua ausencia,
fiz o que tu não fizeste,
chorei lagrimas de sangue,
tu nem um suspiro deste !

Ausente do bem que adoro
é uma hora bastante ;
contigo estar toda a vida
para mim é um instante.

Uma hora só que seja
ausente do meu amor,
n'um navio de trizteza
navego n'um mar de dor.

Tenho um sacco de cantigas
inda mais um guardanapo
vou o sacco desatar
n'um cantar todo guapo.

Tenho um navio no mar
de cantigas abanando,
agora me são precisas,
navio vem-te chegando.

Eras alegre, andas triste,
diz amor por que razão,
É por causa dos amores ?
aquí tens meu coração

Trago terra na algibeira
agua fechada na mão
para regar uma flor
que tenho no coração.

Minha mãe mandou-me ao estudo
aprender lições d'amar,
assim que vi os teus olhos
nunca mais pude estudar.

Os amores da azeitona
são como os da cotovia.
mas acabada a azeitona
com Deus te fica Maria.

Eu sei cantar, sei bailar,
e sei tudo isso fazer,
so d'amores não sei nada
tudo agora ando a aprender

De noite tudo são sombras
eu por ellas hei de andar
já que de dia não posso
duas falas alcançar

Cantigas ao desafio
comigo ninguem as cante,
que eu tenho quem m'as ensine,
que o meu amor é estudante.

Estudantes de Coimbra
que na ponte passeaes,
alargae os vossos passos
vinde ouvir meus tristes ais!

Carta vae onde eu te mando
vae logo á primeira sala,
quando te quizerem ler
cartinha abre-te e falla.

Passarinho vaes voando
a penna te vae cahindo,
ai! de mim que estou falando
com quem me está retrahindo.

Passarinho estaes cantando
nesse raminho de flôres,
canta tu, chorarei eu,
assim faz quem tem amores.

Quem me dera que viesse
um ventinho corredor,
que levasse e me trouxesse
cartas para o meu amor.

Já não ha quem faça chaves
para abrir uma paixão,
mas só tu meu lindo amor
vens abrir meu coração

Tanta fala nos dá vida
dae-me uma que estou á morte,
uma fala não é nada
para quem está d'esta sorte.

Hei de fazer um castello
todo de ouro e de brilhantes,
com fechaduras de vidros
e chaves de diamantes.

Adeus á lamo de Belver
deita raiz á tribuna,
onde ha rosas encarnadas
quem me déra ter lá *una*.

Tenho cinco réis d'amor
dez réis de saber amar.
um vintem de prometter.
trinta réis de não faltar.

Quem quizer que a agua corra
faça-lhe o rego direito,
quem quizer ter amor firme
traga-o de joia no peito.